Quando o chamado da vida se torna o chamado da morte

Toda vez que chega ao fim a estação de floração dos ipês, a tristeza é geral. Essas árvores, que com sua beleza luxuriante colorem os céus de Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e tantas outras cidades, deixam todos saudosos de sua chuva de flores. E também, em algum cantinho da alma, felizes de pensar que no ano que vem tem mais...

Apesar do ipê ser uma árvore presente em praticamente todo o país, não é em todos os lugares que se tem a certeza que a mágica floração do ipê se repetirá no ano que vem. Isso porque o ipê na Amazônia atrai não por suas flores, mas por sua madeira. É a madeira do ipê que alcança os maiores preços no mercado, mais de dois mil dólares por cada metro cúbico, e é a exploração dessa espécie que viabiliza o abate de muitas outras árvores, em lugares onde não valeria a pena ir, se não houvesse ipê. Em cerca de dois terços da Amazônia compensa andar muito e gastar muito para tirar os ipês derrubados da mata diante do alto preço da madeira e da imensa demanda.

A maior parte dessa exploração é ilegal, feita em Terras Indígenas e em Unidades de Conservação da natureza. Cerca de 80% da produção de madeira do estado do Pará ocorre em áreas proibidas. O sistema de controle da exploração e do comércio de madeiras no país possui muitas brechas, através das quais o ipê abatido ilegalmente adquire uma roupagem legal e ganha os mercados, principalmente internacionais.

Além disso, as pesquisas mostram que a exploração sustentável do ipê é impossível. As tentativas de manejo florestal sustentável, ou seja de um planejamento de quando cortar e quanto tempo esperar em cada área explorada, mostraram que seria preciso aguardar mais de 60 anos para voltar a encontrar árvores grandes numa área onde o ipê já foi derrubado. Mesmo nas áreas em que a sua exploração foi legalmente autorizada, não foram mais encontradas árvores adultas. Assim, a exploração do ipê sempre avança para novas áreas, inclusive Unidades de Conservação e Terras Indígenas. O problema é que são as árvores adultas que se reproduzem e dão origem a novos ipês... e como ninguém quer esperar, o ipê está ameaçado de extinção nas florestas da Amazônia.

A ironia é que justamente a característica mais bela do ipê, aquele pompom de flores, faz com que seja muito fácil localizar a árvore no meio da floresta. Ou seja, a luxuriante floração, destinada a atrair polinizadores, como as abelhas, acaba atraindo madeireiros. O que devia ser a continuidade da vida se transforma em morte certa.

Essa lógica é semelhante àquela que circunda a violência sexual e o estupro. Ainda há, infelizmente, muita gente que acha que a responsabilidade pela violência sexual existente deve ser atribuída à vítima: suas roupas, seu comportamento. Dados mostram que ainda

prevalece a ideia de que a vítima "provoca". Com o ipê, é parecido, o fato dele apresentar essa floração exuberante, permite que os madeireiros identifiquem o local onde a árvore está e dediquem-se a abatê-la. Se ipê não tivesse essas flores tão abundantes, tão provocantes, seria difícil achá-lo, no meio da floresta e derrubá-lo, mas também não seria o ipê, essa maravilha da natureza.

A maior parte do ipê explorado na Amazônia vira deck de piscinas, assoalho de casas, esquadrias de janelas e outros produtos assim. Em todos esses usos, o ipê poderia ser substituído por outros materiais. Não é que a madeira do ipê seja insubstituível, é uma escolha. Já a visão da escandalosa floração do ipê, essa sim, é insubstituível...

A exploração do ipê é um bom retrato de como as coisas tem sido feitas na Amazônia. A regra é a ilegalidade, o lucro rápido, a violência e o oportunismo. A combinação da maior floresta tropical do mundo, lar de milhares de espécies, muitas ainda desconhecidas da nossa ciência, e de centenas de povos indígenas e comunidades locais, com a grilagem de terras, a exploração madeireira abusiva e o garimpo ilegal é explosiva. O resultado é extinção de plantas e animais, ameaças, assassinatos e muitos outros crimes. O efeito colateral é que a incrível floração do ipê, ao invés de levar a comemoração da vida, conduz a uma reflexão sombria sobre a possibilidade

de morte da floresta e de seus habitantes, humanos e não humanos.

Amazônia

E eu com isso?

nurit bensusan

ilustrações de **Taisa Borges**

EDITORA
PeirópoliS